

**ENTRE REALIDADE, NARRATIVA E DISCURSO: O MESSIAS, DE DUNA À PRESIDÊNCIA DO
BRASIL**

**BETWEEN REALITY, NARRATIVE, AND DISCOURSE: THE MESSIAH, FROM DUNE TO BRAZIL'S
PRESIDENCY**

Albert Angel Lanzarini¹

Francisco Kliemann a Campis²

Lenio Luiz Streck³

RESUMO: Duna apresenta um universo distópico em que um planeta — análogo à Terra — foi degradado ambientalmente, enquanto os rumos da sociedade são determinados por uma elite que exerce o poder por meio da construção e manipulação de narrativas. A obra permite ao leitor acessar a perspectiva daqueles que produzem tais narrativas, evidenciando os mecanismos simbólicos de formação e controle das massas. Nesse contexto, estabelece-se um diálogo entre a ficção e a realidade, na medida em que o leitor — situado no mundo real — ocupa uma posição análoga à das massas que apenas recebem os efeitos dessas construções narrativas. A partir disso, o trabalho propõe uma análise fenomenológico-interpretativa que articula a obra com a realidade contemporânea, buscando compreender o sentido de suas estruturas simbólicas e seus efeitos sociais. O objetivo central consiste em examinar a relação entre a construção ficcional de Muad'Dib e a emergência de uma política messiânica no bolsonarismo. Argumenta-se haver a elaboração de uma figura salvacionista, construída discursivamente em resposta a uma sociedade com expectativas de redenção. Assim, Duna possibilita uma

1 Graduando em Direito pela UNISINOS. Bolsista CAPES no grupo de pesquisa DASEIN - Núcleo de Estudos Hermenêuticos, sob a coordenação do professor Dr. Lenio Luis Streck. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5071986200699288>. E-mail: albertlanzarini@gmail.com

2 Doutorando em Direito como bolsista da CAPES, na UNISINOS com co-tutela na Universidade de Cambridge. Visiting Scholar na faculdade de Direito da Universidade de Cambridge. Membro ativo do Cambridge Forum for Legal and Political Philosophy (CFLPP). Mestre em Direito Público, summa cum laude, como bolsista do CNPq, na Unisinos. Coordenador acadêmico do DASEIN - Núcleo de estudos hermenêuticos constitucionais do professor Lenio Streck. Membro da Associação Serras de Minas e da Rede Brasileira de Direito e Literatura. Tradutor. Advogado constitucionalista. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4903865101414042>. E-mail: fkcampis@hotmail.com

3 Mestre e Doutor em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-doutor pela Universidade de Lisboa. Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Direito (Mestrado e Doutorado) da UNISINOS, na área de concentração em Direito Público. Professor permanente e pesquisador da UNESA-RJ. Professor visitante da Universidade Javeriana. Membro catedrático da Academia Brasileira de Direito Constitucional ABDCnst. Presidente de Honra do Instituto de Hermenêutica Jurídica IHJ (RS-MG). Membro da comissão permanente de Direito Constitucional do Instituto dos Advogados Brasileiros - IAB, do Observatório da Jurisdição Constitucional do Instituto Brasileiro de Direito Público - IDP, da Revista Direitos Fundamentais e Justiça, da Revista Novos Estudos Jurídicos, entre outros. Coordenador do DASEIN Núcleo de Estudos Hermenêuticos. Ex-Procurador de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0806893389732831>. E-mail: leniostreck@unisinos.br

leitura invertida desse fenômeno, ao revelar, a partir da perspectiva dos produtores da narrativa, os processos de instrumentalização da linguagem — em sentido amplo — na constituição de projetos de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Messianismo; Narrativas; Discurso; Política.

ABSTRACT: *Dune* presents a dystopian universe in which a planet—analogueous to Earth—has been profoundly degraded from an environmental standpoint, while the course of society is determined by an elite that exercises power through the construction and manipulation of narratives. The work allows the reader to access the perspective of those who produce such narratives, thereby revealing the symbolic mechanisms through which masses are formed and controlled. In this context, a dialogue is established between fiction and reality, insofar as the reader—situated in the real world—occupies a position analogueous to that of the masses who merely receive the effects of these narrative constructions. From this standpoint, the study proposes a phenomenological-interpretative analysis that articulates the work with contemporary reality, seeking to understand the meaning of its symbolic structures and their social effects. Its central objective is to examine the relationship between the fictional construction of Muad'Dib in *Dune* and the emergence of a messianic form of politics within the context of Bolsonaroism. It is argued that, in both cases, there is the elaboration and dissemination of a salvationist figure, discursively constructed in response to a society marked by expectations of redemption. Thus, *Dune* enables an inverted reading of this phenomenon by revealing, from the perspective of narrative producers, the processes through which language—in a broad sense—is instrumentalized in the constitution of projects of power.

KEYWORDS: Messianism; Narratives; Discourse; Politics.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo se volta, de maneira central, à análise da linguagem — tanto em sua dimensão literária quanto em sua manifestação no plano da realidade — como instrumento fundamental na construção de um personagem de caráter messiânico. Parte-se da premissa de que a linguagem não apenas descreve o mundo, mas o constitui simbolicamente, sendo capaz de produzir sentidos, organizar percepções e legitimar posições de poder. Nesse horizonte, interessa compreender como determinados arranjos discursivos, atravessados por elementos míticos, religiosos e políticos, operam na fabricação de figuras investidas de autoridade excepcional, cuja legitimidade se ancora menos em estruturas institucionais formais e mais na adesão simbólica e afetiva de uma coletividade.

A investigação se desenvolve a partir de um percurso analítico-interpretativo, que privilegia a leitura atenta das formas narrativas, dos enunciados e das estratégias simbólicas mobilizadas na constituição do personagem messiânico. Tal percurso não se limita à descrição dos elementos textuais, mas busca apreender os efeitos de sentido produzidos, bem como as condições que tornam possível sua circulação e aceitação. Nesse sentido, a análise articula diferentes planos — o literário, o discursivo e o político —, partindo da compreensão de que a ficção não se encontra dissociada da realidade, mas dialoga com ela, oferecendo estruturas interpretativas que podem ser apropriadas, ressignificadas e reproduzidas em contextos concretos.

Como eixo de reflexão, toma-se a obra *Duna*, de Frank Herbert, especialmente a construção do personagem Paul Atreides no ambiente hostil do planeta Arrakis. O caráter inóspito desse cenário, marcado pela escassez extrema de recursos, pela aridez e pela constante ameaça à sobrevivência, não apenas conforma as relações sociais ali estabelecidas, mas também cria as condições para o surgimento de narrativas de salvação e de liderança providencial. Arrakis, nesse sentido, não é mero pano de fundo, mas elemento constitutivo da própria lógica narrativa que possibilita a emergência do messianismo, funcionando como espaço simbólico onde a esperança se organiza em torno de figuras salvacionistas.

A partir dessa base literária, o estudo propõe um movimento de extrapolação analítica em direção à realidade contemporânea, investigando de que modo estruturas discursivas análogas são mobilizadas na construção de lideranças políticas em contextos de crise, instabilidade e disputa por legitimidade. Busca-se, assim, evidenciar como a linguagem — por meio de narrativas, discursos e práticas comunicacionais — pode operar na produção de identidades coletivas, na simplificação de conflitos complexos e na consolidação de figuras que se apresentam como portadoras de um destino comum. Ao fazê-lo, o trabalho pretende contribuir para uma compreensão mais ampla dos mecanismos simbólicos que sustentam o fenômeno do messianismo político, destacando o papel central das narrativas na articulação entre ficção e realidade.

2. MESSIANISMO E AS BASES DE UMA TEORIA DO MITO SALVADOR

2.1. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE UM ÉTHOS MESSIÂNICO

O messianismo se constrói na figura de um salvador, de um messias. O termo messias, do hebraico *maxiah*⁴, significa ungido, aquele consagrado para determinada função. Na visão judaico-cristã, o messias possui uma dimensão política, como chefe social que comandará o seu povo à salvação.

Nesse sentido, a figura de um salvador messiânico não passa somente pela figura em si, mas depende de todo um contexto social e político específico. O *éthos*, para a Retórica de Aristóteles, significa justamente o apelo à credibilidade, caráter e autoridade moral do orador para persuadir o público, e, portanto, depende também e intrinsecamente do *páthos* (auditório) e *logos* (discurso). Esse efeito de discurso, sendo a projeção de uma imagem do orador favorável à como uma fonte de persuasão. A persuasão na retórica aristotélica está relacionada ainda às “*disposições dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso*” (Aristóteles, I, II, 1356a).

O discurso messiânico, nesse sentido, passa pela construção de um sistema de criação de dispositivos que torne apto o orador (messias) a construir sua autoridade moral sobre a figura de um salvador. É muito mais significativo, e com um efeito muito mais íntimo em quem escuta a mensagem “*quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular*” (Aristóteles, I, II, 1356a). O *éthos* é um conceito social e discursivo, que tece um parâmetro que necessariamente deve ser compreendido como pertencente a uma situação de comunicação específica, integrado a circunstâncias sócio-históricas também específicas (Maingueneau, 2008b)

4 Segundo Ricardo: “O substantivo hebraico *maxiah*, *messias*, tem sua origem na raiz *mxh*, que significa untar, ungir. Esse termo assumiu um significado bem teológico no AT. Após a morte do rei Davi, o referido substantivo passou a retratar alguém com status de representante de Deus. O título implicava: 1) numa relação bem restrita e próxima entre a família de Davi e Javé; 2) o status do rei e a sua legitimação como eleito de Deus para mediar Sua bênção em favor do povo; 3) somente o Messias poderia possuir a função de interagir o governo terreno à missão escatológica do Reino de Deus.” (Ricardo, 2013, p. 19)

Em Duna, nosso objeto de comparação com a realidade, esse *éthos* é construído por um grupo chamado Bene Gesserit. Tal grupo espalha influência política interplanetária para controlar a narrativa política a seu favor, e desejava ter em Arrakis⁵ um dos seus pontos de controle. Assim, enviaram, muito tempo antes do período da história, um grupo de membros que facilmente poderíamos relacionar com os jesuítas fundados por Santo Inácio de Loyola, cuja função era desbravar as novas terras conhecidas e catequizar os nativos. As Bene Gesserit, da mesma forma que os jesuítas, exploraram Arrakis, encontraram o povo nativo e o catequizaram, imbuindo neles a crença de que no futuro viria um messias.

Todavia, as Bene Gesserit não faziam esse processo catequético por fé. Ao invés disso, utilizaram da religião como ferramenta para formar um caldo social messiânico, que poderia servir no futuro para que outro do grupo Bene Gesserit, ao se deparar com o povo nativo, tivesse mais facilidade em controlá-lo. A formação dessa cultura de anseio pelo líder que aguardavam foi fomentada por promessas de uma vida melhor ao povo nativo, a libertação da opressão dos outros povos que invadiram Arrakis e a abundância de recursos escassos àquele povo, como a água. Fixaram a essa promessa um indivíduo, que chamaram Muad'dib (messias), e o povo, tendo crido nela, incorporou esse anseio em sua própria cultura:

Com a Dama Jéssica [a mãe da protagonista] e Arrakis, o sistema Bene Gesserit de semear lendas implantadas através das Missionária Protetiva teve a sua plena materialização. Há muito se reconhecia a sabedoria de disseminar pelo universo conhecido um padrão de profecias para proteção do pessoal Bene Gesserit, mas nunca tínhamos visto uma condição extrema com uma conjunção mais ideal de pessoa e preparação. As lendas proféticas tinham ganho raízes em Arrakis até ao ponto de existirem designações adaptadas [das lendas e profecias originárias para sua própria cultura] (Herbert, Duna, epígrafe do capítulo 7)

Assim se forma o caldo social necessário a um messias: desenvolve-se no povo um anseio popular por uma melhora de vida e vincula-se à espera pelo salvador. Desenvolve-se um discurso político voltado à crítica social e política, enquanto denuncia-se um presente de

5 Aqui fizemos uma distinção entre o nome Duna como nome da obra e Arrakis como nome do planeta em que a história se passa em sua maioria, apesar de Duna também ser um nome pelo qual o planeta Arrakis é chamado. Seguirei com essa distinção ao longo do artigo.

opressão e defende-se um futuro renovado, de libertação (Brito, 2015, p. 225). O salvador, naturalmente entremeado por esse carisma popular, evoca justamente das massas o seu poder político: o povo facilmente se une a quem, por intuição própria — construída por esse caldo messiânico — vê como alguém apto a liderar o caminho para melhorar a sua condição de vida. Carisma é, portanto, a ferramenta pela qual o messias vai trilhando seu caminho e conquistando o afeto da população que nele crê, na medida em que avança na efetivação das ideias e feitos que foram profetizados. Essas profecias, conhecidas do candidato a messias, vão sendo cumpridas para aumentar sua aceitação, que já é natural, naquele povo.

2.2. O PASSADO COMO FUTURO E O EXTERIOR COMO REDENTOR

“A redenção messiânica é, assim, uma afirmação futura (virtual) da liberdade, concomitantemente com uma afirmação da sacralidade, significando, simultaneamente, reaver uma condição de plenitude e perfeição perdida num passado mítico/mitizado” (Brito, 2015, p. 225). Brito nos traz aqui uma perspectiva importante sobre a imagem do messias, como alguém que anuncia um futuro renovador enquanto invoca a imagem de um passado que nunca existiu. Em Arrakis, planeta absolutamente desértico onde há ínfimas quantidades de água, as profecias implantadas no povo incluem histórias sobre um passado no qual havia oceanos, que foram consumidos pela areia, permitindo ao messias invocar a promessa de que no futuro, os nativos de Arrakis poderiam ver o mar⁶. O messias traz consigo a idealização de uma cultura passada cujo retorno é aguardado. A independência política e cultural dos movimentos messiânicos é, assim, um chamado para a reestruturação de um estado social que já existiu, onde tudo era melhor do que no presente (Eliade, 1972, p. 53).

O apelo ao passado é uma característica tão presente no messias como a pretensão de ser externo, de trazer essa glorificação de fora do povo para ele. O profeta Isaías, ao comunicar ao povo sobre a chegada do Messias, expressa essa intenção (Isaías, 7:14):

⁶ O próprio conceito de oceanos era quase inimaginável aos nativos de Arrakis, conforme se extrai do excerto: *“Um mar - ele disse em voz baixa - era demais para a minha mente visualizar. Mas alguns homens que eu conhecia disseram ter visto essa maravilha. Achei que tivessem mentindo, mas eu tinha de saber por conta própria,”* (Herbert, *Messias de Duna*, capítulo 5)

Pois sabeis que o Senhor mesmo vos dará um sinal:
Eis que a jovem está grávida
e dará a luz à um filho
e dar-lhe-á o nome de Emanuel

Observa-se nesse excerto que o messias é alguém enviado de fora, dado por Deus ao povo. O próprio nome — Emanuel — escolhido pelo profeta simboliza isso: *Deus* (um ser externo) *conosco* (povo comum). Frank Herbert, não alheio a isso, coloca em Duna a mesma ideia. As Bene Gesserit, ao cultivarem as profecias do messias, deixaram claro que o messias seria alguém vindo de outro planeta, que entraria no povo e saberia os seus costumes como se fosse nativo dali, da mesma forma como Isaías coloca que esse salvador externo nasceria no seio do povo. Em Duna, as profecias dão ao messias o nome de “Lisan al-Gaib”, em atenção a essa característica do profetizado:

Naquele primeiro dia em que Muad’Dib atravessou as ruas de Arrakeen com a família, algumas das pessoas ao longo do caminho recordaram-se das lendas e da profecia e ousaram gritar: “Mahdi!” Mas o seu grito era mais uma pergunta do que uma afirmação, pois nesse momento só podiam ter esperança de que ele fosse aquele a quem a profecia chamava Lisan al-Gaib, a Voz do Mundo Exterior. (Herbert, Duna, capítulo 13)

A Voz do Mundo Exterior se apresenta como mais uma ferramenta de credibilidade do messias. Na verdade, é uma ferramenta poderosa, visto que traz ao povo uma representatividade que não era até então por ele. Na política, temos atualmente popularizado o termo *outsider*, ou seja, aquele que vem de fora (Barr, 2009, p. 31). O messias começa a mobilizar apoio por meio de um apelo retórico baseado na oposição “nós contra eles”, seguindo a lógica de que um dos lados exerce poder massivo sobre o outro — o oprimido, o povo a ser conduzido —, retirando-lhe condições de subsistência, qualidade de vida e até apagando aspectos culturais (donde se encaixa com a ideia de retorno ao passado), entre outros mecanismos (Furtado, 2019, p. 27).

3. O CALDO POLÍTICO DE UMA DIREITA BRASILEIRA FRAGMENTADA

Em 2013, após uma década de governos do PT marcados pela conciliação com a burguesia e por avanços sociais sem ruptura estrutural (Miguel, 2019), persistiam déficits nos serviços públicos e limitações à participação política efetiva. Esse cenário, somado ao aumento do custo de serviços públicos e o gasto em megaeventos como a Copa do Mundo, contribuiu para o estopim das manifestações iniciadas em junho daquele ano. O aumento das tarifas de transporte público desencadeou protestos que rapidamente se ampliaram, alcançando mais de um milhão de pessoas nas ruas (Alzamora; Rodrigues, 2014). Em um contexto de forte uso das redes digitais e articulação descentralizada, as manifestações evoluíram em três momentos: inicialmente focadas na tarifa, depois ampliadas para críticas aos serviços públicos e aos gastos estatais, e, por fim, marcadas por uma disputa de sentidos (Furtado, 2019, p. 32).

Nesse terceiro momento, a ausência de liderança central e a polissemia das pautas permitiram a entrada de novos atores e narrativas. Enquanto setores progressistas buscavam manter a orientação original, a grande mídia e grupos emergentes passaram a enquadrar os protestos como expressão de rejeição à política institucional, enfatizando a corrupção e o antipartidarismo (Miguel, 2019, p. 156).

Após o arrefecimento das mobilizações, o sistema político absorveu parcialmente suas demandas, com promessas governamentais de reformas, mas sem mudanças estruturais relevantes. A partir de então, grupos se organizaram, tanto à esquerda quanto à direita do espectro político. Estes ganhariam, caso do Movimento Brasil Livre (MBL), visibilidade nacional nos momentos seguintes. Desde o segundo semestre de 2014, a crise econômica mostrou seus sinais claros, causada por erros de administração e a adoção de uma nova matriz econômica de governo (Abreu, 2019), além de fatores externos como a queda do valor das commodities, e a desvalorização da moeda brasileira (Amorim Neto, 2016, p. 53). Ainda no primeiro ano do último mandato de Dilma, a Operação Lava Jato, empreendida pelo ex-juiz Sérgio Moro, abriu o capítulo de um novo esquema de corrupção institucionalizada envolvendo a elite social. Intimidados pela operação, que detinha o interesse da grande mídia e o apoio de uma opinião pública escandalizada, os parlamentares adotaram medidas para

debelar a crise econômica e até colocaram pautas-bomba em discussão como uma retaliação ao governo, colando no impeachment de Dilma sua proposta de solução (Furtado, 2019, p. 35).

Assim chegou-se até o dia 15 de agosto de 2018, prazo final para o registro oficial das candidaturas, estipulado pelo Tribunal Superior Eleitoral, quando foram oficializadas 13 candidaturas presidenciais, o maior número desde as eleições de 1989, tendo sido, ainda em agosto, impugnada a candidatura de Lula (Oliveira, 2021, p. 32). Tal pluralidade demonstra a fragmentação política vivida naquele momento, com uma crise de representatividade latente, um cenário de uma economia muito fragilizada e a descrença da população com as instituições como mais um dos resultados da operação Lava Jato.

O sistema representativo não poderia estar mais desgastado. Moraes (2024, p. 163) chama esse processo de “fragmentação social”, citando Marques Neto (2002), fala sobre essa aglutinação dos indivíduos em espaços fechados nos quais são legitimados pelo grupo em si, independentemente da qualidade do discurso, ou mesmo de sua constitucionalidade. Giuliano da Empoli, em seu Engenheiro do Caos (2019), faz uma exploração do avanço de grupos extremistas a partir de um descontentamento com o establishment, que pode ser utilizado pelos políticos ditos outsiders como ferramenta de popularização carismática. A evolução das redes sociais, com suas garantias de anonimato, deu às pessoas a representatividade que buscavam, ainda na forma de disseminação de campanhas de ódio e falsas notícias, que se mostraram aceitas no grupo em que foram propagadas.

4. O SURGIMENTO DE BOLSONARO COMO MESSIAS

4.1. A CONSTRUÇÃO DA CAMPANHA

Paul Atreides, ao se deparar no deserto em meio ao povo nativo, os Fremen, logo reconhece que necessitará de apoio do povo local para ser bem-sucedido em seu plano pessoal de vingança. Assim, de pronto, se alinha a Stilgar, um fundamentalista religioso que

passa a ver em Paul o potencial messias. O protagonista, sabendo das profecias implantadas e do pensamento moral daquele povo, consegue cultivar em Stilgar o interesse em si, fazendo-se apto a mostrar seu valor. Contudo, dentro do grupo de religiosos, há aqueles que não aceitam sua liderança, e então Paul se vê obrigado a duelar com Jamis, um guerreiro experiente que acaba sendo a primeira vítima do protagonista, que havia sido treinado pelos melhores espadachins do universo de Duna, e, portanto, tinha uma notável aptidão ao combate. Logo finda a luta, Stilgar associa o resultado a uma intervenção divina (ignorando o treinamento de Paul), e cria o laço definitivo dos fundamentalistas com o seu novo messias.

O próximo passo de Paul é aproximar-se de Chani, uma liderança entre os Fremen que está sendo treinada para ser também uma liderança religiosa. Chani se torna o par romântico do protagonista, ao mesmo tempo que é a ponte dele com a população mais jovem dentre os nativos, atraindo essa parcela da população com sua influência política.

De forma similar, Bolsonaro inicia sua campanha aproveitando-se de figuras religiosas próximas, como o pastor Silas Malafaia, para ganhar espaço entre os evangélicos, com quem desde sempre teve afinidade, por tratarem ambos muito fortemente de pautas como a família tradicional, a religiosidade como fundamento moral e contra o movimento LGBTQIA+, passando, com a sua candidatura à presidência, a declarar-se como cristão e cumpridor de uma missão divina (Lacerda, 2020, p. 295). Também teve um papel fundamental em sua campanha Michele Bolsonaro, que conseguiu atrair a parcela do voto feminino a Bolsonaro, além de ser uma religiosa fundamentalista que idealizava o “ideal papel da mulher na sociedade”.

Consolidando como lema maior de sua campanha “Deus, Pátria e Família”, Jair Bolsonaro busca consolidar uma homogeneidade baseada nesses três conceitos, que poderiam abranger as esferas mais importantes de grande parte da população. Tal ideia de unidade é importante, pois reforça a ideia do messias como aquele que luta contra tais pilares. Este tema traz a nostalgia (já comentada acima) da unidade perdida, já que, com a

complexidade e pluralidade da sociedade contemporânea, dificilmente poderia ser alcançada (Miguel, 1998, p. 652). Isso criou a noção popular de que, se você é a favor desses pilares, deve promover aquele que luta por ele contra a opressão dos movimentos sociais contemporâneos.

Ser aquele que conduz à Verdade é outra das características messiânicas aproveitadas por Bolsonaro na campanha, que poderíamos analisar diretamente de Duna. Aproveitando-se da mesma ideia cultivada por Jesus⁷, o messias profetizado por Isaías para os cristãos, Frank Herbert planta uma profecia similar no povo nativo Fremen. A Bene Gesserit, ao anunciarem a vinda do messias, o chamam Kwisatz Haderach, que significa “aquele que mostra o caminho”. Contudo, diferentemente do messias bíblico, enviado por Deus, o messias de Duna trata-se explicitamente de um ser construído para ser “o ser humano perfeito”, dotado de habilidades sobre-humanas e que seria o grande líder político. Em Duna, “aquele que mostra o caminho” é na verdade um produto construído pelas Bene Gesserit como um plano político para dominação e poder. Nada tem a ver com magia, mas com a construção de um líder carismático que se aproveita da influência religiosa implantada no povo, revelando-se como um enviado de Deus.

Apropriando-se dessa ideia, o candidato utilizou como frase de campanha a passagem bíblica de João 8:32: “*Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos, e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.*” Dessa forma, Bolsonaro constrói sua campanha sobre a ideia de que seria ele aquele que mostraria o caminho para a verdade, que naquele momento parecia muito distante do povo, por causa dos recentes escândalos do Mensalão e Lava Jato. Bolsonaro se aproveita desse caldo de desesperança institucional e descrença geral na política para construir sua imagem como aquele que exibiria as mentiras e corrupções do Estado, libertando o povo brasileiro da suposta opressão que teria sido causada pelos governos anteriores.

⁷ “Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim. Se me conheceis, também conhecereis meu Pai. Desde agora o conheceis e o vistes” (João 14: 6-7). Nesse excerto, Jesus enfatiza a si mesmo como o único caminho possível para a salvação, deixando claro sua ideia de que somente será salvo aquele que nele crer e percorrer o seu caminho.

Segundo Petrola (2019), *“se, por um lado, as redes sociais e aplicativos de mensagens favorecem o surgimento de jornalismo alternativos à grande mídia, também favorecem a difusão de boatos, desinformação e conteúdos extremistas”* (Petrola, 2019, p. 114). A campanha política de Jair Bolsonaro foi fortemente construída sobre as redes sociais, uma vez que o candidato não tinha quase nenhum tempo de televisão para o horário obrigatório gratuito, detendo apenas 8 segundos em cada bloco. Dessa forma, disseminou seu conteúdo extremista pelo meio evangélico, cuja parcela da população em 2022 era de 26,9%, tendo boa aceitação também entre os católicos, cuja população equivalia em 2022 a 56,7% (IBGE, 2022).

Giuliano da Empoli (2019) continua a sua explanação no sentido de que os extremistas se ligaram a grupos muito específicos e cresceram a partir deles, explorando não a racionalidade, pautas políticas coerentes ou mesmo ideias claras de governo, mas sim paixões. E de paixões, os religiosos conhecem bem, e Bolsonaro soube explorá-las, mas não fez isso sozinho. Por meio de algoritmos e bons cientistas de tecnologia e informação, ele pode estudar dados de redes sociais para captar seus medos, anseios, traumas e preconceitos pessoais do seu núcleo duro, desenvolvendo seu discurso com base nisso (Leal, 2019). As redes sociais foram instrumentalizadas para atingir o emocional dos eleitores, ganhá-los pela paixão através das redes da mesma forma como Paul instrumentalizou os dados que tinha do povo Fremen para fazer-se crer nele como messias, até o ponto do povo elegê-lo o líder supremo. Essa foi a base da campanha de Bolsonaro à presidência.

4.2. A CONSTRUÇÃO DO “MITO”

O mito político tem como característica ser *“a forma política da rejeição à política”* (Miguel, 1998, p. 652), já que dificilmente em uma sociedade democrática não haverá divergências e conflitos, principalmente na pluralidade evidenciada atualmente. Conforme Miguel (1998), o mito político, como discurso, possui uma dupla origem: a) ele é fruto de uma estratégia política, na qual o emissor do discurso o escolhe, e; b) é um produto coletivo,

havendo uma disponibilidade de receptividade pelo grupo, ao ser necessário haver o acolhimento por parte de quem observa o discurso (Leffa, 2023).

Segundo Eliade (1986, p. 13), “o mito é considerado como uma história sagrada, e portanto uma ‘história verdadeira’, porque se refere sempre a realidades”. Quando Bolsonaro vincula a si mesmo como “mito”, ele busca também a crença de que está se encarregando de trazer a verdade ao povo brasileiro.

A ideia messiânica vinculada à figura de Jair Bolsonaro se consolida definitivamente em 06 de setembro de 2018, quando o então candidato estava em um comício em Juiz de Fora, Minas Gerais. Enquanto era erguido no meio do povo, sofreu uma facada no abdômen, que muitos teriam considerado letal. Entretanto, para a surpresa desses mesmos muitos (o que levou inclusive a muitas teorias da conspiração de que a facada seria um artifício eleitoral planejado), Bolsonaro sobreviveu e incorporou à campanha a ideia de que Deus o havia livrado da morte, sendo essa representação intensificada após a fala de seu filho, Flávio Bolsonaro, em que anunciava que “Deus agiu e desviou a facada” (Alexandre, 2020, p. 31). Ali, o mito ganhou um aspecto palpável, acessível ao olhar dos mais descrentes, como uma última chave a ser virada para a obtenção da narrativa ideal.

E essa narrativa foi deveras muito disseminada. Como já adiantamos acima, o pouco tempo de televisão deu a Bolsonaro a perspectiva única de utilizar as redes sociais como ferramenta de propulsão político, e ainda com uma vantagem em relação aos meios tradicionais: lá ele poderia espalhar fake news. Afinal, como expõe Moraes (2023) “A política é essencialmente performada por discursos. A palavra é o instrumento de governantes e parlamentares para transformar a realidade. Se assim é no campo da licitude, o mesmo ocorre quando se resvala para os ilícitos eleitorais.”

Durante o governo de Jair Bolsonaro, houve a construção e disseminação de narrativas que colocavam em dúvida a legitimidade das instituições democráticas, tendo havido foco no Supremo Tribunal Federal e no sistema eleitoral brasileiro. Alimentado por desinformação e

pelo uso estratégico de discursos apelativos na circulação de *fake news* sobre fraude eleitoral e sobre decisões judiciais, houve desgaste político do Poder Judiciário decorre exclusivamente de arbitrariedades sistemáticas do Governo (Streck *et al.*, 2025, p. 7). A dinâmica das *fake news*, nesse sentido, não se limitou à desinformação, mas envolveu também formas de violência digital e simbólica dirigidas contra instituições e seus membros. Tais narrativas, amplificadas nas redes sociais, contribuíram para criar um imaginário coletivo de ilegitimidade do processo democrático, servindo como base para as mobilizações políticas de caráter antidemocrático que se seguiram.

Na segunda campanha, um de seus lemas, reiterando o caráter messiânico de sua conduta, era “*cheguei onde cheguei, graças ao nosso Criador*”, afirmando sua crença de enviado divino. Tal postura nunca abandonou Bolsonaro, que realmente parece ter acolhido a ideia de que o seu segundo nome, “Messias”, era mais do que uma ideia tida por seus pais. Contudo, como visto a seguir, todo messias é, como mito, uma história, e como mito, tem de deixar a vida para entrar para a história.

4.3. O DESPRENDIMENTO DO BOLSONARISMO DE BOLSONARO

“O messianismo é uma revolta alienada [...] levando os seus membros a isolar-se da realidade e a ensimesmar-se [...] parece claro que tais casos se encontram no terreno da patologia social” (Vinhas de Queiroz, 1977, p. 253). Bolsonaro cai no momento em que busca seu último ato para tentar se manter no poder: a tentativa de golpe. Seu objetivo, durante o mandato, nunca foi governar como um liberal, mas degradar a democracia para que pudesse ter fôlego para acabar com as instituições democráticas, como um verdadeiro messias, que não precisa de mais ninguém para conduzir seu povo (Cesarino, 2022). Paul consegue derrubar a ordem vigente em Duna — e o resultado é catastrófico —, mas Bolsonaro, no Brasil, não. É condenado pela tentativa de golpe, pelas instituições que não conseguiu destruir. A tentativa de golpe culminou no episódio do 8 de janeiro de 2023, quando apoiadores do ex-presidente

Jair Bolsonaro invadiram e depredaram as sedes dos Três Poderes em Brasília — Congresso Nacional, Palácio do Planalto e STF. Como afirma Streck:

Se em um primeiro momento, não havia dúvida de que o evento político ocorrido no dia 8 de janeiro de 2023 havia sido encorajado pelo discurso neopopulista autoritário, inflado por fake news sobre a atuação do STF e a lisura do processo eleitoral, os desdobramentos posteriores das investigações têm mostrado, cada vez mais, a relação direta do ex-presidente Jair Bolsonaro, membros do governo e militares naqueles acontecimentos. (Streck *et al.*, 2025, p. 12)

Em Duna, momentos antes de seu fim, Paul Atreides entendeu que, mesmo caindo ou desaparecendo, a luta que promovera como messias — a Jihad (cuja tradução é “guerra santa”) —, após encontrar seu espaço no coração das pessoas, já não era mais sobre ele, mas sobre as pessoas que decidiram segui-lo. Mesmo quando considerou que o melhor era fugir, a Jihad seguiria, pois não era mais sobre o messias:

Vou me entregar, ele pensou. Sair correndo enquanto ainda tenho forças, atravessar voando um espaço que uma ave não poderia encontrar. Era um pensamento inútil, e ele sabia disso. O Jihad seguiria seu espírito. (Herbert, 1969, cap. 04)

Este excerto é de *Messias de Duna*, o livro que finaliza a história de Paul mostrando a sua queda. A paixão religiosa pelo messias dele se desprende para tornar-se íntima de cada um que nela crê. Há na parcela da população que aderiu ao bolsonarismo um sentimento de libertação, que encontrou nas redes sociais uma ferramenta para se ver livre e enxergar a “verdade sufocada” pela elite corrupta e manipuladora (Cesarino, 2022). Assim, enquanto indivíduos que se desprenderam da política para aderir à antipolítica bolsonarista, cresceu e se desenvolveu o sentimento de luta individual, que segue vivo mesmo após a queda de Bolsonaro. Como indica Cesarino:

Embora o bolsonarismo se baseie na promessa de mudança, ele o faz num sentido messiânico: suas lideranças não se propõem a atuar como uma vanguarda do progresso, mas tão somente a ‘libertar’ a sociedade de ameaças ou amarras imaginárias para que ela prospere de forma supostamente espontânea. (Cesarino, 2022)

Aqui, o autor já se refere às lideranças, uma vez que, apesar de levar consigo o nome de Bolsonaro — da mesma forma que a Jihad carrega em seus estandartes o símbolo de Paul —, o bolsonarismo se propõe a ser um movimento independente, que carrega em seus líderes os valores buscados pelo seu messias, mas não precisa mais da figura do messias em si, apenas da sua imagem. Os políticos da direita mais moderada se afastam da figura de Bolsonaro, apesar de reconhecê-lo como seu grande líder, buscam com seu discurso angariar o público não-devoto ao bolsonarismo. Já os mais fundamentalistas buscam um novo nome para ser o novo messias, um sucessor, que se tiver o nome de Bolsonaro na certidão de nascimento, tanto melhor.

5. CONCLUSÃO

O percurso analítico empreendido permite evidenciar que a constituição do personagem messiânico não decorre de uma essência individual, mas de um complexo arranjo discursivo que articula linguagem, contexto e recepção coletiva. Em Duna, a emergência de Paul Atreides como figura providencial revela-se inseparável das estruturas narrativas que o antecedem e o sustentam, bem como das condições materiais e simbólicas impostas por Arrakis. A escassez, a adversidade e a expectativa de transformação operam como elementos que não apenas favorecem, mas demandam a construção de um horizonte de sentido centrado na promessa de redenção. O que, em Duna, é explicado como uma ferramenta mágica, pode ser visto nessa análise na crueza que realmente representa: a operacionalização dos discursos religiosos como instrumentos de manipulação política.

Ao deslocar essa chave interpretativa para o plano da realidade, possibilita-se compreender que o messianismo político se ancora em mecanismos semelhantes de produção de sentido, nos quais a linguagem exerce papel estruturante. Narrativas que simplificam a complexidade social, organizam antagonismos e projetam soluções magníficas, tendem a encontrar maior ressonância em contextos marcados por incerteza e instabilidade. Nesse cenário, a figura do líder messiânico não apenas emerge, mas é continuamente

reafirmada por meio da circulação e da repetição de discursos que consolidam sua posição como referência central de identificação coletiva.

Assim, mais do que estabelecer paralelos diretos entre ficção e realidade, o estudo evidencia a existência de matrizes discursivas compartilhadas, que atravessam diferentes esferas e permitem compreender a recorrência histórica desse tipo de construção simbólica. A análise da linguagem, portanto, revela-se não apenas como ferramenta metodológica, mas como via privilegiada de acesso aos processos pelos quais se produzem legitimidades, se estruturam imaginários e se organizam formas de poder. Nesse sentido, a reflexão proposta reforça a necessidade de atenção crítica aos modos de enunciação que permeiam o espaço público, sobretudo em contextos nos quais a promessa de salvação tende a se sobrepor à complexidade do real.

6. REFERÊNCIAS

ABREU, Beatriz. *Mantega indica novo modelo econômico*. Estadão, 2012. Disponível em: < <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,mantega-indica-novo-modelo-economico-imp-,896017> > Acesso em: 18.03.2026.

ALEXANDRE, Ricardo. *E a verdade os libertará. Reflexões sobre religião, política e bolsonarismo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.

AMORIM NETO, Octávio. *A crise política brasileira de 2015 - 2016: diagnóstico, sequelas e profilaxia*. Relações Internacionais, Lisboa, v.52, p. 043 - 054, 2016.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Jr. et al. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.

BARR, Robert. *Populists, outsiders and anti - establishment politics*. Party Politics, Thousand Oaks, v.15, n.1, p.29 - 48, 2009

BRITO, Clebson Luiz. *A configuração do discurso messiânico numa perspectiva semiótica e argumentativa*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. Tese de Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso.

CESARINO, Letícia. *Bolsonarismo sem Bolsonaro? Públicos antiestruturais na nova fronteira cibernética*. Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros, (82), 162-188, 2022.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

EMPOLI, Giuliano da. *Os engenheiros do Caos*. Tradução Arnaldo Bloch. Vestígio: São Paulo, 2019

FURTADO, Antônio Leonardo Fernandes. "*Presidente livre e independente*": a construção de *Jair Bolsonaro como político outsider no horário eleitoral* (2018). Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Fortaleza, 2019.

IBGE. Censo 2022. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3f1708b5d315aca50d5a7d8764469c45.pdf>. Acesso em 19/03/2026.

LACERDA, Marina Basso. *Jair Bolsonaro: a agenda defendida em sua trajetória política*. In: GUADALUPE, José Luis Pérez; CARRANZA, Brenda (orgs). *Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020, p. 295.

LEAL, Luiziene de Figueiredo Simão; MORAES FILHO, José Filomeno. *Inteligência artificial e democracia: os algoritmos podem influenciar uma campanha eleitoral? Uma análise do julgamento sobre o impulsionamento de propaganda eleitoral na internet do Tribunal Superior Eleitoral*. Direitos Fundamentais & Justiça. Belo Horizonte, ano 13, n. 41, p. 343-356, 2019.

LEFFA, Lúcia Macedo. "*Achamos o messias!*": análise do caráter messiânico na figura de *Jair Messias Bolsonaro a partir de discursos de lideranças religiosas brasileira*. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise do Discurso* (trad. Maria do Rosário Gregolin). In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique (org.). *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008a, p. 43-46.

MARQUES NETO, Floriano de Azevedo. *Regulação estatal e interesses públicos*. São Paulo: Malheiros, 2002, p. 120-121.

MIGUEL, Luis Felipe. *Em torno do conceito de Mito Político*. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: v. 41, n. 3, 1998, p. 635-661.

MIGUEL, Luiz Felipe. *O colapso da democracia no Brasil: da Constituição ao Golpe de 2016*. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2019 .

MORAES, Alexandre de. *O direito eleitoral e o novo populismo digital extremista: liberdade de escolha do eleitor e a promoção da democracia*. Tese (Professor Titular em Direito de Estado) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

OLIVEIRA, Beatriz Rocha. *Discurso, religião e política: funcionamento discursivo do porta-voz nas eleições presidenciais de 2018*. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2021.

PAULUS. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2016.

PETROLA, José Ismar. *Fake news e a disputa entre grande imprensa e redes sociais na campanha eleitoral de 2018 no Brasil*. In: COSTA, Cristina; BLANCO, Patrícia (Org.). *Liberdade de expressão e campanhas eleitorais — Brasil 2018*. São Paulo: ECA-USP, 2019.

HERBERT, Frank. *Duna*. Tradução de Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Editora Aleph, 2017.

HERBERT, Frank. *Messias de Duna*. Tradução de Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Editora Aleph, 2017.

RICARDO, Uelton Aguiar. *Discipulado sob a cruz: um convite ao antitriunfalismo a partir do evangelho de Marcos*. São Leopoldo: EST, 2013.

STRECK, LENIO LUIZ ; CAMPIS, Francisco Kliemann a; ABEL, HENRIQUE; BORTOLIN, AMANDA BOMBARDI. *O 8 de janeiro de 2023 e a tentativa de ruptura constitucional*. *Revista de Políticas Públicas da UFMA*, v. 29, p. 217-236, 2025.

STF. Rext nº 0600814-85.2022.6.00.0000, Rel. Min. Alexandre de Moraes, julgamento em 05/12/2023.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e conflito social (A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. 2ª ed., São Paulo, Ática, 1977.